

Adelaide Rodrigues de Mendonça

O COTIDIANO DA BAHIA NAS DÉCADAS 50 A 90 NA PINTURA DE CARYBÉ

Brasília, 2012

ADELAIDE RODRIGUES DE MENDONÇA

O COTIDIANO DA BAHIA NAS DÉCADAS 50 A 90 NA PINTURA DE CARYBÉ

Trabalho de conclusão do curso de
Licenciatura, habilitação em Artes Visuais, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof(a) Daniela Cureau

Brasília, 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha irmã Ana Cristina, companheira de todas as horas nesta jornada, ao meu filho Davi, pela assistência e a professora Daniela Cureau, pela dedicação em orientar este trabalho.

LISTA DE FOTOGRAFIAS E PINTURAS

FOTO 1: CARYBÉ EM BUENOS AIRES	6
FOTO 2: CARYBÉ E JORGE AMADO	11
FOTO 3: ACADEMIA DE MESTRE BIMBA, 1930	12
FOTO 4: CARYBÉ, D. NANCY, SR. LUIZ VIANNA FILHO E DONA JUJÚ VIANNA, DURANTE A ENTREGA DO QUADRO DE CARYBÉ COMO PRESENTE DO ESTADO DA BAHIA À RAINHA ELIZABETH, 1968	19
FOTO 5: MONUMENTO EM BRONZE NO SHOPPING CENTER IGUATEMI.	22
FOTO 6: O LARGO DO PELOURINHO NO DIA DA COMEMORAÇÃO DOS 70 ANOS DE CARYBÉ.....	22
PINTURA 1: O OVO DA EMA, 1976, ÓLEO SOBRE TELA, 109 X 149CM.....	7
PINTURA 2: A MORTE DE ALEXANDRINA, ÓLEO SOBRE TELA, 100 X 135CM.....	8
PINTURA 3: COLHEITA, ÓLEO SOBRE TELA, 1936, 80 X 110 CM	10
PINTURA 4: 1º CALENDÁRIO “ESSO”, 1941.	10
PINTURA 5: GALO DE BRIGA, VINIL, 50 X 36 CM 1981	11
PINTURA 6: RIO SÃO FRANCISCO, 1939. ÓLEO SOBRE TELA, 60 X 83 CM.....	13
PINTURA 7: TAPETE DE CAÇADOR, 1940, GUACHE SOBRE PAPEL, 22,5 X 32 CM.....	13
PINTURA 8: ENIGMA DAS NUENS, 1941. ÓLEO SOBRE TELA, 49 X 35 CM.....	14
PINTURA 9: BRIGA DE CACHORRO, 1942. ÓLEO SOBRE TELA, 58 X 69 CM.....	14
PINTURA 10: VENTO, 1943. ÓLEO SOBRE TELA, 90 X 62 CM.	14
PINTURA 11: BRIGA DE GALO NO PELOURINHO, ÓLEO SOBRE EUCATEX, 119 X 152 CM, 1951.	16
PINTURA 12: PELADA ÓLEO SOBRE TELA 38 X 55 CM, 1952.....	16
PINTURA 13: BAIANA, ÓLEO SOBRE TELA, 79 X 60 CM, 1965	16
PINTURA 14: PRAIA DE CARIMBAMBA, ÓLEO SOBRE TELA, 105 X 163 CM.	17
PINTURA 15: CANGACEIROS, NANQUIM E GUACHE, 65 X 95 CM, 1962.....	17
PINTURA 16: FUNDO DE QUINTAL ÓLEO SOBRE MADEIRA 60 X 50 CM 1950.....	18
PINTURA 17: MURAI: “A DESCOBERTA E A COLONIZAÇÃO DO OESTE”	19
PINTURA 18: ABRIL CHUVAS MIL, ÓLEO SOBRE TELA, 50 X 70 CM, 1986.	20
PINTURA 19: DE TARDINHA, ÓLEO SOBRE PAPELÃO, 35 X 65 CM, 1986.	21
PINTURA 20: À NOITE E O DIA, ÓLEO SOBRE TELA, 100 X 170 CM, 1970.	21
PINTURA 21: BAHIA, ÓLEO SOBRE TELA, 46 X 55 CM, 1971.	21
PINTURA 22: NA BEIRA DO RIO SÃO FRANCISCO, GUACHE, 28 X 40 CM, 1939	24
PINTURA 23: CENA DE RUA, ÓLEO SOBRE TELA, 1994.	25
PINTURA 24: CANDOMBLÉ, 1968, ÓLEO SOBRE EUCATEX, 75 X 130 CM, 1968.....	26
PINTURA 25: SÃO SEBASTIÃO, ÓLEO SOBRE TELA, 121 X 63 CM, 1963.....	26
PINTURA 26: CAFUNÉ, ÓLEO SOBRE TELA, 70 X 90 CM, 1944	27
PINTURA 27: PAU DE SEBO, GUACHE, 95 X 65 CM, 1963.....	28
PINTURA 28: PESCA DE XARÉU, ÓLEO SOBRE TELA, 50 X 150 CM, 1965.....	28
PINTURA 29: A ROUPA LIMPA, ÓLEO SOBRE TELA, 90 X 80 CM, 1988.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 - CARYBÉ.....	6
1.1 - O artista Carybé.....	6
2 – CAPÍTULO II.....	24
2.1 - O Cotidiano baiano nas décadas de 50 a 90 na pintura de Carybé	24
2.2 - Metodologia	30
CONCLUSÃO.....	31
ANEXO	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

RESUMO

O presente trabalho busca investigar, através das obras de Carybé, a abrangência da arte como instrumento de narrativa histórica. A biografia do artista é apresentada em uma ordem que se funde cronologicamente à história do Brasil, mais especificamente, da cidade de Salvador, Bahia. De tal modo, pode-se observar como os acontecimentos da época em que Carybé passou em Salvador influenciaram seu trabalho, assim como revelar quais elementos das suas composições artísticas registraram as manifestações culturais e o cotidiano baiano. Em decorrência da pesquisa será elaborado um catálogo digital como metodologia voltada para um público alvo de segundo ciclo do ensino fundamental podendo compor programas educativos em museus, casas de cultura e escolas.

Palavras-chave: Carybé, Arte, Pintura, Cultura, Bahia.

ABSTRACT

This work investigates, through the art of Carybé, the comprisement of art as an instrument of historical narrative. The artist biography is presented in a chronological order that merges the history of Brazil, more specifically, the city of Salvador, Bahia. In this way, one can observe how the events of that time when Carybé lived in Salvador influenced his work, as well as elements that reveal their artistic compositions recorded the everyday and cultural events of Bahia. As a result of the research will produce a digital catalog as a methodology aimed at a target audience of the second cycle of basic education can compose educational programs at museums, cultural centers and schools.

Keywords: Carybé, Art, Painting, Culture, Bahia.

INTRODUÇÃO

Diversas são as maneiras de captar os aspectos históricos de um povo, como: relato vivenciado, fotos, música, literatura e pintura, e é por intermédio da pintura que o artista Carybé, com muita propriedade, conta o cotidiano baiano (religião, música, trabalho, lazer, gastronomia).

A análise histórica e artística da composição das obras de seu acervo é de fundamental importância.

A linguagem poética que o artista expressou em sua trajetória, exaltando o encanto por uma gente humilde, a experiência vivenciada por trabalhadores, mulheres, crianças, em seus múltiplos espaços de concentração popular como mercados e feiras, são fonte de sua inspiração. Possibilita reconhecer a riqueza representada pela identidade cultural, superando a discriminação, valorizando o cotidiano e respeitando as diferenças.

Fica patente a importância da pintura no processo de composição e retrato histórico de um povo, e o objetivo deste trabalho é exatamente este: demonstrar por intermédio das obras do artista Carybé a possibilidade de captação histórica de um povo, no caso, o cotidiano da Bahia.

No primeiro capítulo, há uma descrição dos principais acontecimentos nacionais e a trajetória de Carybé, destacando imagens de sua produção artística em cada década de sua história. Possibilitando conhecer o artista e observar sua atividade artística.

O segundo capítulo apresenta algumas obras do artista, permitindo a análise da história recente do cotidiano baiano, por meio de suas obras, verificando assim a capacidade da arte em descrever a história e a cultura de um povo.

1 - CARYBÉ

1.1 - O artista Carybé



Foto 1: Carybé em Buenos Aires, Museu Afro Brasil, 2006, pg. 22.

Hector Julio Paride Bernabó, mais conhecido como Carybé, foi um imigrante argentino que se apaixonou pelo Brasil, em especial pela Bahia. Nasceu em Lanús, Argentina, no dia 07 de fevereiro de 1911, e faleceu em Salvador no Brasil em 02 de outubro de 1997.

Carybé frequentou a Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro entre os anos de 1927 a 1929, e foi jornalista no período de 1930 a 1938. Foi casado com Nancy Colina Bailey.

Homem de grande sensibilidade e artista singular, pintor, escultor, gravador, desenhista, ilustrador, ceramista, muralista, pesquisador e jornalista, demonstrou de maneira ímpar a cultura baiana em suas obras.



Pintura 1: O ovo da ema, 1976, óleo sobre tela, 109 x 149cm, Museu Afro Brasil, 2006, pg. 30.

Carybé, como cidadão do mundo, por meio de seu olhar, evidenciou traços tão marcantes e fortes da cultura brasileira, que faz suscitar a forma como enxergamos a nossa identidade cultural.

Este trabalho visa investigar como o olhar de Carybé, tão apaixonado pela Bahia, conseguiu traduzir a arte em cotidiano, o que levou Carybé a destacar-se como um dos mais representativos artistas plásticos da cultura baiana.

Muitas questões como o lugar que povoava seu imaginário, a fonte de inspiração para realizar o melhor trabalho, viver de sua arte, podem ser respondidas através do depoimento do próprio artista: “Trabalhei um tempo no Rio, depois voltei à Bahia. Porque queria pintar mais do que trabalhar como jornalista.”. (Museu Afro Brasil, 2006, p. 295).



Pintura 2: A morte de Alexandrina, óleo sobre tela, 100 x 135cm, 1939, FURRER, 1989, p. 81.

Conhecer a biografia do artista permite compreender as causas que o levaram a escolher a Bahia como o lugar de sua expressão artística, a Bahia musa de Carybé.

Andava a procura de um lugar para viver e pintar. Não acredito nessa coisa que dizem, flui. A inspiração não existe. É um exercício de dedicação diária: trabalhar, trabalhar, trabalhar. E quando sai algo é porque o dia foi mais gostoso, você acordou melhor. É impossível acordar e dizer: hoje vou fazer uma obra de arte. Você trabalha e, às vezes, acerta; outras não (Museu Afro Brasil, 2006, p. 295).

Com pais aventureiros, Carybé conheceu diversos lugares durante toda sua vida. Não lhe faltaram referências e influências: Gênova, Roma, Rio de Janeiro, Argentina, Montevidéu, Paranaguá, Santos, as cidades históricas de Minas Gerais, Vitória, e então Salvador.

Desde 1938, sempre tinha a cuca na Bahia. Procurava o lugar ideal para pintores. Ou melhor, para Carybé, procurei nos Andes. Mas gente de montanha não é amiga, é meio desconfiada. Então o ideal é aqui na Bahia, que é essa esculhambação que todo mundo conhece. (Museu Afro Brasil, 2006, p. 296).

A primeira incursão de Carybé no Brasil, como jornalista foi em 1938. Em Salvador encontrou a inspiração para construir sua carreira artística, vasculhou e incorporou vários elementos que representavam esta inspiração e produziu o seu olhar sobre a Bahia. Observando sua obra é possível reconhecer diversos elementos da cultura baiana, tal a fidelidade de suas representações, nos momentos em que pinta as ruas com seu movimento comum com as pessoas sentadas em caixotes, animais vadios, as mulheres em suas vestimentas características, os homens sem camisa nas ruas ora conversando ora trabalhando, estes são alguns dos caracteres da obra deste artista que traduzem o cotidiano da Bahia. Como tão bem representam as pinturas 1 e 2, expostas acima.

Neste contexto, quando estourou a revolução de 1930, a Bahia, com seu interventor nomeado por Getúlio Vargas, foi obrigada a adaptar-se a nova ordem política, assim como o

resto do país. Essa mudança, de modo prático, não passou da acomodação de novos personagens às mesmas práticas.

“Um belo sonho revolucionário transformou-se então em rearranjo oligárquico. No fim de tudo, os homens que dominaram o novo regime vinham das mesmas famílias que haviam consolidado a república velha.” (RISÉRIO, 2004, p. 489).

Deste modo a elite baiana, com a mesma sede de progresso do início do século e no intuito de modernizar a Bahia, demoliu a igreja da Sé na Bahia, trazendo revolta a importantes figuras da cultura baiana, não só contra o governo, mas também contra autoridades católicas.

“A irritação anticlerical de Jorge Amado subiu então ao ponto de ele fazer o elogio dos índios patriotas”, que nos primeiros dias coloniais haviam realizado uma experiência culinária com o bispo Sardinha. Acrescentando ainda, que naquela década de 1930 baiano já não gostava de bispo nem como alimento. (RISÉRIO, 2004, p. 494).

Outra voz que se levantou contra a destruição da parte histórica da Bahia foi Dorival Caymmi, através de seus versos:

Nas sacadas dos sobrados
Da velha São Salvador
Há lembranças de donzelas,
Do tempo do Imperador.
Tudo, tudo na Bahia
Faz a gente querer bem
A Bahia tem um jeito,
Que nenhuma terra tem!

A missão de Carybé como correspondente do jornal, era fazer desenhos com pequenos comentários do lugar. No entanto, iniciou sua viagem ao Brasil apenas com o dinheiro de dois ordenados atrasados, que lhe foram pagos em sua partida. Embarcou em um navio partindo de Buenos Aires, com a promessa de receber uma segunda remessa após aportar na Bahia.

Nesta época, Carybé passou seis meses na Bahia, onde pode viajar e por a prova todas as informações que tinha a respeito do estado e de seus personagens.

“Também queria parar aqui para ver se Jorge Amado era mentiroso ou não.” (Museu Afro Brasil, 2006, 295).

Neste período Carybé fez inúmeros desenhos da cidade, o que resultou em sua primeira exposição, ao retornar à Argentina.

A seguinte pintura fez parte da 1ª exposição que o artista realizou em 1939, na Argentina, e representa trabalhadores rurais fazendo a colheita. Nesta obra conseguimos ver a fidelidade que o artista dedica ao retratar uma cena comum, embora dê traços únicos e criativos em sua obra, onde os detalhes denunciam a observação que o artista fez. Em uma pequena comparação desta figura 3 com as figuras 1 e 2, percebemos a mudança do vestuário, bem como o penteado das mulheres que na figura 3 mostram suas tranças ao estilo andino suas faixas na cintura e saia rodada, contrastando com as mulheres das figuras 1 e 2 que usam

os cabelos com coques, ou trazem turbantes, lenços a cabeça, a vestimenta vai dos simples vestidos de chita ao conjunto de saia longa e blusa e os vestidinhos curtos de alça. E o traço mais característico que apresentam as diferenças percebidas pelo artista é o calçado dos pés da figura 3, uma chinela, sendo que nas figuras 1 e 2 não há calçados.



Pintura 3: Colheita, óleo sobre tela, 1936, 80 x 110 cm. FURRER, 1989, pg. 70.

Foi também nesse período que o artista produziu as seguintes imagens para o calendário ESSO.



Pintura 4: 1º Calendário "ESSO", 1941, FURRER, 1989, pg. 92.

Além da vasta produção artística, Carybé pôde ter um contato maior com a cultura baiana. Aprendeu capoeira com mestre Bimba, e encontrou-se com o escritor Jorge Amado.

“Conhecê-lo foi uma grande decepção. Eu o imaginava um mulato forte, grande pra burro. E ele era magrinho, que nem eu. Eu disse: que diabo de Jorge Amado é esse? Conhecemo-nos, tomamos uns paus (cachaça) e batemos muito papo naquela noite.” (Museu Afro Brasil, 2006, p. 295).



Foto 2: Carybé e Jorge Amado, Museu Afro Brasil, 2006, p. 313.



Pintura 5: Galo de Briga, vinil, 50 x 36 cm 1981, Museu Afro Brasil, 2006, p. 252.

Alguns anos após o primeiro contato, Carybé produziu a pintura “Galo de Briga”, em homenagem a amizade e parceria com Jorge Amado, que ilustrou o livro “O Capeta Carybé”, do autor.

“Esse homem descalço, vestido de azul, com um galo sobre os joelhos, não parece, mas é o pintor Carybé, [...] Quanto ao senhor que aparece ao fundo de traje de cangaceiro ele diz que sou eu, seu compadre.” (Museu Afro Brasil, 2006, p. 253).

O aprendizado da capoeira, com mestre Bimba, também foi registrado.

“Foram passando os seis meses e eu desenhando Salvador. Nesta época, conheci Mestre Bimba (o papa da capoeira na Bahia), com quem comecei a jogar”. (Museu Afro Brasil, 2006, 295).



Foto 3: Academia de Mestre Bimba, 1930, Museu Afro Brasil, 2006, 295.

Quando Carybé voltou à Argentina, após seis meses com os desenhos da Bahia, realizou sua primeira exposição com Clemente Moreau, em Buenos Aires, no Museu Municipal de Belas Artes. Apresentou ao público toda a produção realizada na Bahia. Com o lucro financeiro obtido na exposição, o artista pôde fazer uma incursão nos Andes. Sua andança o fez entrar em contato com a arte dos países andinos, e a arte mexicana provocou sua admiração. Os mexicanos, segundo o próprio Carybé afirma em uma entrevista a Cláudio Abramo,

“[...] são os únicos que pisam no chão, não acredito em arte pura”. (FURRER, 1989, p. 50).”.

A arte de Carybé tomou um caminho diferenciado dos rumos até então trilhados pelos grandes artistas de seu tempo, que caminhavam pelos movimentos vanguardistas europeus, bebendo na fonte conceitual das atividades sociais.

Cada vez ficou mais claro ao artista seu desejo de retornar ao Brasil, que sentia que em terras brasileiras seu espírito criativo poderia florescer mais forte.

“A metamorfose que se opera nele ao optar pela Bahia, como pudera ter optado por Toledo, por Salta por Guanajuato ou por qualquer outra cidade, é puramente anímica, de ordem psíquica, amorosa mesmo, podemos dizer”. (FURRER, 1989, p. 51).

De 1939 a 1949, Carybé viajou por diversos países da América latina, produzindo sua arte. Neste período se consolidou como artista, e ao retornar ao Brasil, já era reconhecido. Quando o artista resolveu fixar residência definitiva em Salvador, já havia consolidado uma carreira de pintor, e figurava nos dicionários de “pintores da Argentina”.

Neste período há uma mescla nas obras do artista, entre o que viu nos Andes e sua lembrança do Brasil. As figuras 7; 8; 9; 10 retratam a vida indígena, a aventura da sobrevivência na hostilidade do ambiente, o descanso ao céu aberto. Entretanto na figura 6 é clara a lembrança do Brasil heterogêneo com as lavadeiras, os trabalhadores, os violeiros todos eles desfrutando do grande rio Chico.

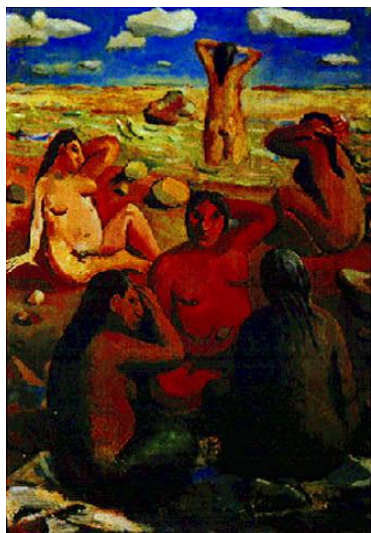
Deste período, podem-se destacar as seguintes obras:



Pintura 6: Rio São Francisco, 1939. Óleo sobre tela, 60 x 83 cm, FURRER, 1989 p. 77.



Pintura 7: Tapete de caçador, 1940, guache sobre papel, 22,5 x 32 cm, FURRER, 1989, p.85.



Pintura 8: Enigma das nuvens, 1941. Óleo sobre tela, 49 x 35 cm, FURRER, 1989, p. 101.



Pintura 9: Briga de cachorro, 1942. Óleo sobre tela, 58 x 69 cm, FURRER, 1989, p. 128.



Pintura 10: Vento, 1943. Óleo sobre tela, 90 x 62 cm, FURRER, 1989 p. 105.

Carybé decidiu se mudar para Salvador no ano de 1950, já casado com Nancy Colina Bailey. A cidade vivenciava a revolução industrial - a construção da rodovia Rio-Bahia acelerou o crescimento da cidade.

“A expansão industrial iniciada na década de 1950 está claramente ligada ao setor público.” (RISÉRIO, 2004, p. 519).

Este período foi marcado por uma geração modernizadora, com atuação de Anísio Teixeira na área da Educação, e a criação da universidade da Bahia por Edgard dos Santos. O país vivia o regime democrático, e a Bahia participou ativamente dessa efervescência.

Essa agitação cultural baiana se processou ao longo de um período que na história política brasileira, já recebeu o rótulo de República liberal. Entende-se ela da redemocratização que se seguiu à derrocada do Estado Novo ao movimento militar de 1964. (RISÉRIO, 2004 p. 526).

De posse de uma carta de recomendação escrita por Rubem Braga, Carybé se apresentou ao então Secretário de Educação, Anísio Teixeira, e foi contratado para um trabalho: pintar um mural sobre a Bahia para uma escola modelo.

O mural deveria seguir os padrões de uma folhinha, um calendário que havia agradado muito a Anísio Teixeira. Por uma grande coincidência, o calendário nada mais era senão o produzido por Carybé para a ESSO há alguns anos.

Com esse trabalho, Carybé passa a viver de sua arte, agora com maior liberdade para produzir arte abordando os aspectos que mais lhe chamava a atenção como o movimento dos trabalhadores nas ruas, as manifestações religiosas, o lazer, as comemorações populares.

“Aí foi sopa no mel. Isso foi em 1950. Nunca mais fui embora. Aqui já não precisei mais ser jornalista. Deste então vivo só de arte” (Museu Afro Brasil, 2006, p. 296).

A partir desse momento, podendo se dedicar totalmente a sua arte, Carybé produziu diversas obras que constituem o cotidiano da Bahia.

“A pintura de Carybé, se não é engajada no sentido restrito, é do povo que se ocupa, é este que conta, não como miseráveis, mas como donos tanto do espaço nos quadros como do chão onde pisam”. (FURRER, 1989, p. 156).

As figuras de 11 a 16 apresentam a visão do artista sobre o cotidiano da Bahia, quando retrata a briga de galo no pelourinho, figura 11. Briga de galo no pelourinho é a grande disputa que acontece nas praças, uma rixa muito comum nas ruas de Salvador. O divertimento da praia onde os homens jogavam futebol e as mulheres apenas tomando sol. Os cangaceiros personagens que se tornaram lendas da cultura brasileira. A Baiana, Carybé representa a mulher com saia rodada e turbante na cabeça, às vezes, com seu tabuleiro cheio de quitutes. Em todas estas obras o artista tem seu traço característico, mas todas elas representam o dia a dia da Bahia, seus personagens.



Pintura 11: Briga de galo no pelourinho, óleo sobre Eucatex, 119 x 152 cm, 1951, FURRER, 1989, p. 178.



Pintura 12: Pelada óleo sobre tela 38 x 55 cm, 1952, FURRER, 1989, p. 192.



Pintura 13: Baiana, óleo sobre tela, 79 x 60 cm, 1965, FURRER 1989, p. 260.



Pintura 14: Praia de Carimbamba, óleo sobre tela, 105 x 163 cm, 1957, FURRER, 1989 p.



Pintura 15: Cangaceiros, nanquim e guache, 65 x 95 cm, 1962, FURRER, 1989 p. 235.

A partir de sua fixação na Bahia, Carybé seguiu sua paixão na escolha temática de suas obras. São diversos os episódios em que a cultura baiana aparece em seu trabalho, e o olhar do artista vê a beleza do povo, dos locais e das manifestações mais simples. A necessidade de mostrar ao mundo essa paixão, fez da arte de Carybé uma referência na representação cultural da Bahia.

Ainda da década de 50, Carybé se naturaliza e é confirmado Obá do Terreiro de Axé Opó Afonjá. Agora Carybé é baiano.



Pintura 16: Fundo de quintal óleo sobre madeira 60 x 50 cm 1950, FURRER, 1989, p. 170 – O primeiro óleo pintado por Carybé na Bahia.

Após a queda de Getúlio Vargas e a ascensão de Juscelino Kubitschek, o Brasil viveu um tempo de estabilidade política e de crescimento econômico. A proposta de JK, “cinquenta anos em cinco”, se concretizou na indústria automobilística e na criação de Brasília.

Na Bahia, a universidade trazia os elementos culturais nativos para discussão. Agostinho da Silva desenvolveu uma política para o Atlântico-sul, envolvendo o conhecimento histórico cultural das realidades da Bahia e da África, em um intercâmbio cultural.

“Com isso, o mundo cultural popular da Bahia se viu não só no centro das atenções, como se fortaleceu. [...] Assim, o candomblé jejenagô por tanto tempo perseguido, viu a sua língua sagrada passar a ser ensinada na universidade” (RISÉRIO, p. 528).

Para Carybé, a década de 60 surgiu com belas oportunidades para expandir sua arte. Nesse período foi escolhido para fazer o mural do aeroporto Kennedy, em Nova York, após ganhar um concurso promovido pela firma de arquitetura *Cahn and Jacobs*. Os painéis representavam as Américas, e mais uma vez Carybé optou por representar o povo, o cotidiano, conforme relatou o jornalista Newton Freitas, em reportagem publicada na Revista “Mundo Ilustrado”, de 16/04/1960.

A extrema coloração das festas populares americanas, inspirando-se na verdadeira confraternização que nasce do povo, de suas artes e humanas belezas e não dos tratados políticos e das comissões de compra e venda entre os países, compôs um dos painéis no qual encontramos todas as danças, todos os instrumentos típicos,

todos os ritmos, todas as roupagens, todos os símbolos populares, numa harmonia de valores e cores inigualáveis. (FURRER, 1989, 225).



Pintura 17: Murais: “A descoberta e a colonização do Oeste”, FURRER, 1989, p. 225 e 227.

Em 1963, Carybé recebeu o título de cidadão da cidade de Salvador, persistindo desta forma o seu casamento com a cidade, mesmo depois de seu trabalho nos Estados Unidos.

Carybé continuou sua trajetória: ilustrou livros, recebeu prêmios, e até mesmo presenteou a rainha da Inglaterra, mas continuou fiel ao seu amor, a Bahia.



Foto 4: Carybé, D. Nancy, Sr. Luiz Vianna Filho e Dona Jujú Vianna, durante a entrega do quadro de Carybé como presente do estado da Bahia à Rainha Elizabeth, Palácio da Aclamação, Salvador, BA, 1968. (Museu Afro Brasil, 2006, p. 300).

No final da década de 60, início dos anos setenta, recrudesceu a repressão do regime militar, após a edição do AI-5. Em resposta a crescente oposição, estabelecida por movimentos guerrilheiros, o Brasil passou a viver os anos mais duros da ditadura militar. Na Bahia o clima era de tranquilidade, apesar dos líderes da Tropicália serem presos e exilados. A maior movimentação acontecia no eixo Rio-São Paulo, dando caracteres de tranquilidade ao resto do País.

Mas enquanto as bombas explodiam no Centro-Sul, a Cidade da Bahia e seu Recôncavo curtiavam dias de relativa – e mesmo grande tranquilidade. Aliás, em vez de aportar por aqui mesmo, militantes baianos se deslocavam para o eixo Rio-São Paulo, com objetivo de se engajar na luta armada. (RISÉRIO, p.542).

Para Carybé, a Bahia continuava sendo o melhor lugar do mundo, o local mais adequado para sua criação, para sua arte. Consolidado e reconhecido como artista percorreu o mundo com sua arte. Seu traço característico é uma identidade de Carybé, construída na Bahia, mas sem deixar de ter uma história variada, como sempre foi sua história. Caminhava, portanto, por uma diversidade de expressões artísticas, encontrando sua plenitude.

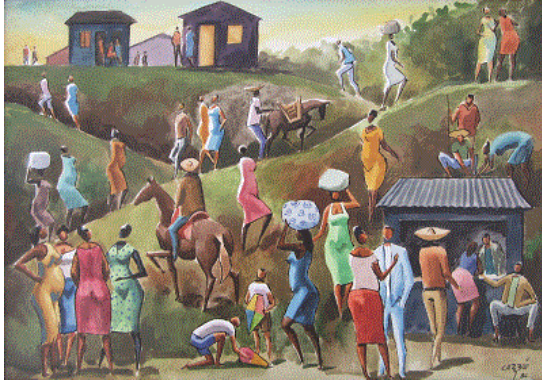
70 é a década – já que convencionamos falar por décadas – da saciedade no sentido de satisfação plena, desse patamar (quem sabe o crescimento dos netos, já taludinhos, três, um rapaz e duas moças, tenham influído nessa impressão): da tranquilidade etrusca estampada no bronze das moças do Galeão, desse Carybé que encontra espaço, para olhar, reverente, em Roma, a cor de arquiteturas antigas, reverência às origens, tanto suas, de seu pai Bernabó, como de sua arte, que apesar de ser “de cá” não nega a raiz italiana, o “danado olho italiano” de que se queixava Modigliani. (FURRER, 1989, p.304).

Carybé, o artista pleno, simplesmente faz, produz, tem certeza de sua arte. Sua arte é sua atitude.

“Gosto de trabalhar com tudo. Porque é muito chato ficar o ano inteiro ou só pintando ou fazendo gravuras ou esculturas. Gosto de dar uma escapada para outros reinos.” (Museu Afro Brasil, 2006, p. 299).



Pintura 18: Abril Chuvas Mil, óleo sobre tela, 50 x 70 cm, 1986, FURRER, 1989, p. 419.



Pintura 19: De Tardinha, óleo sobre papelão, 35 x 65 cm, 1986, FURRER, 1989, p. 424.



Pintura 20: À noite e o dia, óleo sobre tela, 100 x 170 cm, 1970, FURRER, 1989, p. 307.



Pintura 21: Bahia, óleo sobre tela, 46 x 55 cm, 1971, FURRER, 1989, p. 319.

Lentamente o país saía da ditadura, ainda que no início dos anos 80 existisse o problema do Rio Centro. O governo do General Figueiredo foi de transição para a democracia, decretando anistia e realizando eleições estaduais.

Na Bahia surgiu o CAB (Centro Administrativo da Bahia), que previa o crescimento da cidade para o lado norte, preservando assim a cidade antiga. “Decorência não menos importante deste novo pólo será, para o presente e para o futuro, a criação de condições para resguardar o valioso acervo histórico e artístico da Cidade do Salvador” (RISÉRIO, 588).

Para Carybé, entretanto, esta foi à época de comemoração de seus setenta anos de vida, e a cidade comemorava o seu artista. Mesmo com a cidade se transformando, crescendo,

e saindo das influências culturais da velha cidade, Carybé destacava-se como o maior representante do espírito baiano. Em 1984, produziu uma escultura em homenagem a mulher baiana, no shopping Iguatemi, de Salvador. Esta escultura traduz a aceitação da Bahia a obra do artista, que está presente em toda a cidade, inclusive na parte nova da cidade.



Foto 5: Monumento em bronze no Shopping Center Iguatemi, altura: 3,30m, 1984, FURRER, 1989, p. 402.

Produzindo arte e ao mesmo tempo, sendo homenageado e festejado pela cidade, Carybé chega ao cume de sua vida artística.



Foto 6: O largo do Pelourinho no dia da comemoração dos 70 anos de Carybé, FURRER, 1989, p.370.

Em linhas gerais a história de vida de Carybé, apresentou um artista próximo dos movimentos artísticos e culturais de sua época. Investigando com mais proximidade sua atitude e sua obra, pode-se concluir que Carybé foi, antes de tudo, um artista engajado na

defesa da igualdade do ser humano, sem fazer distinção de nacionalidade, cor ou religião. Era na humanidade que Carybé se inspirava, e mostrava ao mundo a possibilidade deste ideal equânime desejado por todos.

Carybé, ao longo da vida, se revelou um artista intuitivo, pintando mais a beleza que sua vivência inspirava, do que propriamente uma arte representativa de ideologias. Por isso a versatilidade de sua arte. Entretanto, foram os murais que mais estimularam a criatividade de Carybé, e por conta disso se tornou um artista presente em toda a cidade de Salvador.

2 – CAPÍTULO II

2.1 - O Cotidiano baiano nas décadas de 50 a 90 na pintura de Carybé

A pintura como representação cultural e histórica faz parte da caminhada humana, desde as pinturas rupestres com a representação do cotidiano do homem pré-histórico, as pinturas gregas apresentando elementos da mitologia, as pinturas romanas representando o poder dos imperadores, os clássicos quadros da idade média dando ênfase ao domínio da religião, a modernidade mostrando a mudança radical dos valores sociais. A pintura conta a história e as fases que a humanidade vivencia. O artista, neste contexto, é o canal por onde a expressão social acontece, sua sensibilidade pode captar o que é mais representativo dentro do anseio humano, pois o artista revela habilidade em representar os acontecimentos a sua volta.

Analizando a pintura de Carybé, pode-se construir uma história da Bahia através de imagens. A arte de Carybé conseguiu expressar parte da história do Brasil, retratando o cotidiano da Bahia, não apenas em sua representação estética, mas na essência da cultura e do sentimento de uma sociedade, com as suas características: o respeito às diferenças, a valorização do ser humano, o repúdio ao preconceito e a discriminação. Deste modo, pode-se realizar um passeio pelo cotidiano baiano na pintura de Carybé.

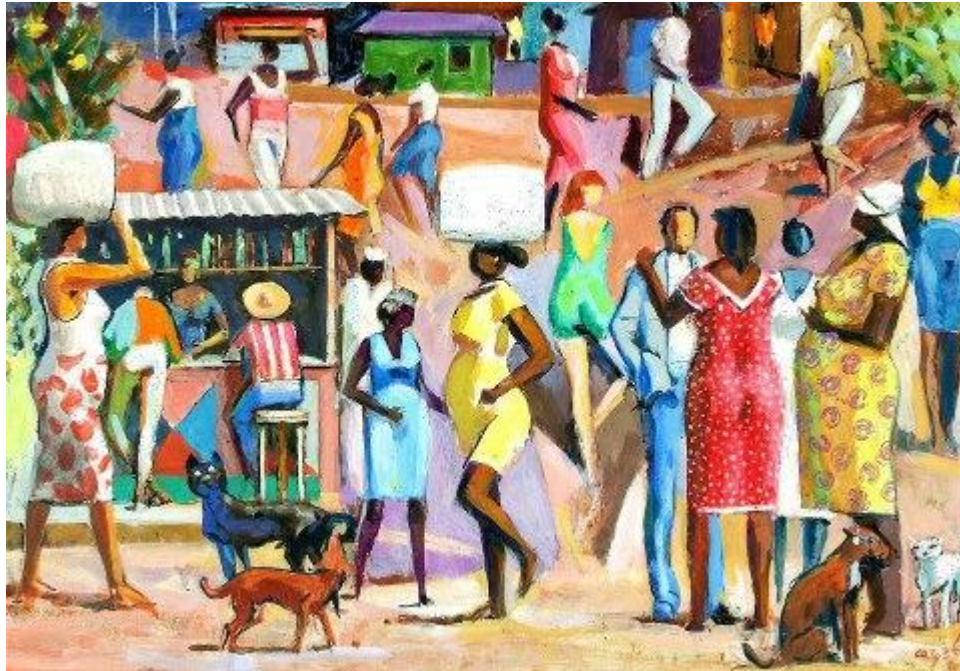
Carybé vivenciou a afirmação da cultura baiana, pois foi neste período que as diversas influências das etnias que contribuíram para formação desta cultura se solidificaram, permitindo ao artista demonstrar esta consolidação, em sua obra.

Salvador como grande parte das cidades litorâneas brasileiras, se caracteriza pelo contraste entre extrema beleza natural, e a desorganização da cidade, a intensa atividade popular nas ruas. Carybé foi capaz de retratar a atividade popular, mesclando a brincadeira da criança no rio com o vai e vem dos carregadores, os mendigos e as lavadeiras.



Pintura 22: Na Beira do Rio São Francisco, guache, 28 x 40 cm, 1939, FURRER, 1989, p. 76.

O artista pintou cenas urbanas em que apresentava a cidade em plena atividade, expondo todos os seus personagens, até mesmo os cachorros vadios. Por meio de suas obras, é possível inclusive perceber a proporção de negros na população, como a figura 23 – cena de rua, onde há presença de maioria negra. Conforme a historiadora Mary del Priori, Salvador e Rio de Janeiro foram o segundo maior porto escravista das Américas.



Pintura 23: Cena de rua, óleo sobre tela, 1994, Museu Afro Brasil, 2006, p. 136.

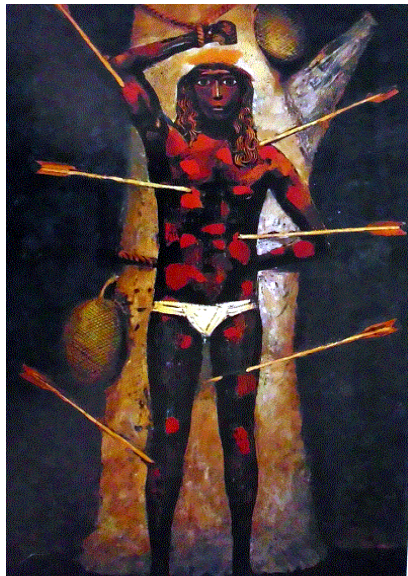
A influência das religiões africanas fez parte da formação do povo brasileiro, entretanto, na Bahia, se fixou e se popularizou com maior força. O sincretismo religioso ocorreu pela imposição que negros e índios escravos, foram obrigados a se catequizar, mas embora obedecessem ao rito católico pela força, a fé pessoal ainda reinava e se manifestava.

Em uma pintura sobre o ritual do candomblé, Carybé conseguiu captar essa prática de fé, ressaltando a tradição baiana da religião dos ancestrais africanos.



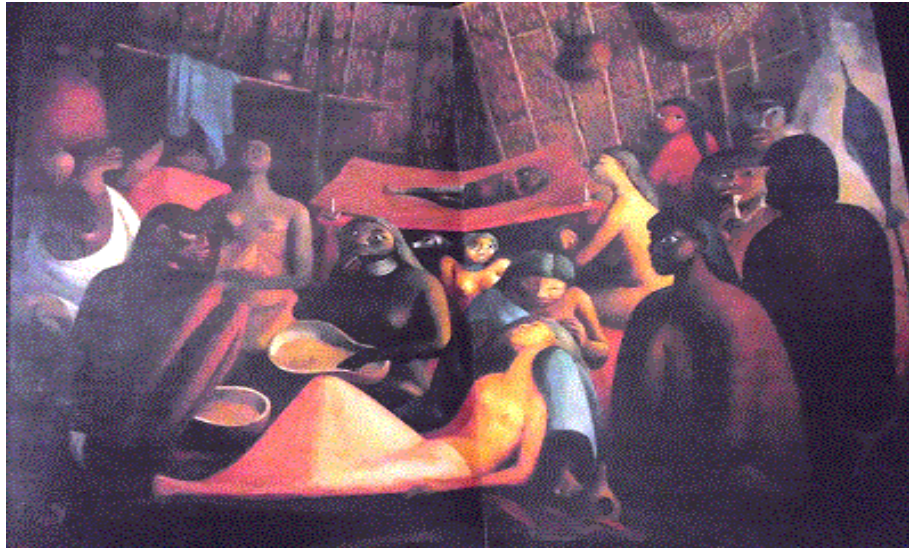
Pintura 24: Candomblé, 1968, óleo sobre eucatex, 75 x 130 cm, 1968, FURRER, 1989, p. 288.

São Sebastião, porém, é o símbolo máximo do sincretismo religioso captado pelo artista. O mártir, transformado em santo pela Igreja católica, tem correlação com Oxossi. Carybé o idealizou como negro e imolado junto a uma jaqueira, elementos tipicamente brasileiros. Pode-se inferir que o olhar do artista valorizava a história do país, pois embora o santo seja conhecido em sua iconografia – o santo é branco, cabelos castanhos, imolado em uma coluna e cravado com flexas curtas – as flexas de Carybé são tipicamente indígenas, e representam a formação histórica do povo brasileiro.



Pintura 25: São Sebastião, óleo sobre tela, 121 x 63 cm, 1963, FURRER, 1989, p. 243.

Carybé também retratou o índio brasileiro na oca, com suas cabaças, a rede, e o costume de várias famílias ocupando uma mesma habitação. O cafuné, que etimologicamente começa na Angola como uma torção na cabeça, termina na Bahia como um carinho.



Pintura 26: Cafuné, óleo sobre tela, 70 x 90 cm, 1944, FURRER, 1989, P. 111.

O lazer na Bahia está intimamente ligado aos festejos religiosos. A religião dominante, católica, impunha os dias santos. A tradicional subordinação para com a colônia fazia com que cada autoridade consentisse a imponência da corte e a autoridade da Igreja, buscando desta forma, homenagens entre as comemorações populares.

“Havia, com efeito, grande quantidade de dias santos e feriados civis; em finais da década de 1810, segundo Spix e Martius, os primeiros eram exatos 35, os segundos 18 no total”. (RISÉRIO, 2004, p. 173.)

Deste modo, os festejos de rua ligados à religião com a participação popular estavam por toda a cidade, conforme a historiadora Mary del Priori:

Uma cidade cujo ritmo era marcado pelos sinos dos vários mosteiros, pelos sinos das igrejas que chamavam já pela manhã para as primeiras missas. Quando havia festa de santos, os rojões espocavam, chamando também os fiéis para dentro da igreja. Procissões importantíssimas marcavam o calendário religioso.

Assim, pode-se perceber que a cultura popular mescla-se aos ritos da religião majoritária. Na obra de Carybé, o pau de sebo, tradição popular de festas juninas, é representado em uma cena no centro da cidade, rodeado pela população, que atende ao chamado da Igreja.



Pintura 27: Pau de sebo, guache, 95 x 65 cm, 1963, FURRER 1989, p. 248.

A cidade apresenta uma mistura de riqueza e pobreza convivendo lado a lado, mas o destaque é o cotidiano popular, em que o trabalho aparece por todos os locais da cidade. Na praia, os pescadores puxam suas redes bem cedo para recolher o pescado e comercializa-lo nas feiras livres.

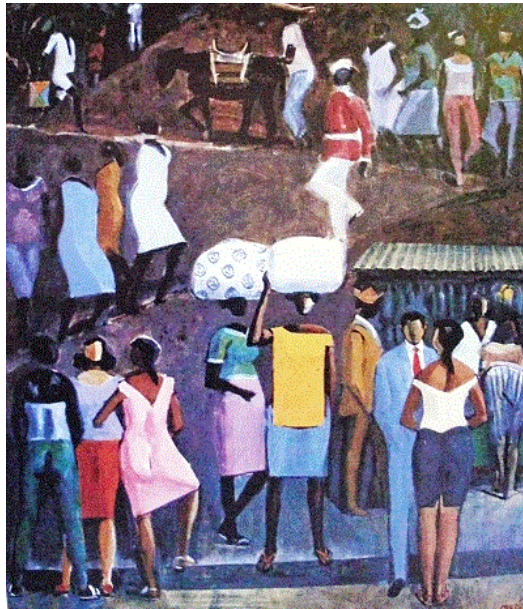
Tem início a puxada, o colossal esforço coletivo. As mãos se unem solidárias, a rede pouco a pouco vem sendo trazida para a praia. Os pés negros marcam o ritmo do canto e do esforço. O coro de mulheres e meninos, de toda a gente do mar, se eleva na manhã de luz esplêndida. Todos participam da pesca. Não tardará e os peixes brilharão ao sol sobre as areias, os xaréus como lâminas de aço. (AMADO; CARYBÉ; DAMM, n/d c: 23.)



Pintura 28: Pesca de Xaréu, óleo sobre tela, 50 x 150 cm, 1965, FURRER, 1989, p. 266.

Outros exemplos de trabalhos típicos no cenário baiano são as lavadeiras carregando suas trouxas de roupas, e outras mulheres carregando potes d'água na cabeça, para iniciarem suas tarefas diárias.

As moças nos biquínis elegantes, vindas das residências ricas para o ócio da praia, cruzam-se com as lavadeiras em seu duro labor. Que elegância, a da jovem lavadeira de pele cor de bronze! Que genial costureira de Paris ou de Roma inventou esse seu chapéu? (AMADO; CARYBÉ; DAMM, n/d d: 23.).



Pintura 29: A Roupas Limpas, óleo sobre tela, 90 x 80 cm, 1988, FURRER, 1989 p. 424

Carybé compreendeu muito bem a cultura baiana, quando retratou o baiano comum do dia a dia, sem estereótipos, mas com os traços característicos da cultura, como na figura 29, que mostra o jovem negro de calça jeans e tênis conversando com a moça branca, o homem de terno e chapéu de cangaceiro, as lavadeiras, a moça parda de bermuda conversando com o jovem de terno, neste momento o artista vê o movimento da cidade conserva os elementos da cultura (lavadeira, cangaceiro, animais nas ruas, as ladeiras) de modo que em sua obra contemplou todos estes elementos. Fez importantes descobertas dos valores baianos (o trabalho do ganha-pão, a alegria de viver, a simplicidade, o gosto pela conversa), que se tornaram a fonte de sua maior inspiração.

2.2 - Metodologia

Este projeto destina-se a fazer parte do acervo de museus para a compreensão da obra de Carybé, e para tanto, este material será transformado em um catálogo eletrônico das obras do artista, podendo ser exposto para alunos do segundo ciclo do ensino fundamental e implantado em projetos educativos de museus.

A arte de Carybé retrata o cotidiano da Bahia, no entanto, essa representação não é apenas um retrato, mas também um conceito. Carrega consigo uma grande carga de cultura, e deve-se avaliar a importância do conjunto de obras e os motivos para preservá-lo.

Apresentando algumas obras e a biografia de Carybé, pode-se estimular o visitante de uma exposição não só a conhecer o trabalho do artista, como a avaliar a evolução da história brasileira e a formação da cultura baiana. Este passeio pelo legado do artista permite ao visitante conhecer e reconhecer hábitos e tradições praticados no cotidiano, e que até então poderiam passar despercebidos, mas que no olhar do artista ganham força e eternizam o momento para a posteridade.

Pode-se, dessa forma, propor ao visitante que questione a importância da preservação das obras artísticas e a sua divulgação para o fortalecimento de uma cultura. Pode-se demonstrar que a arte não é apenas objeto de apreciação de uma elite cultural, mas deve estar acessível para todos - principalmente as obras de um artista como Carybé, que se inspirou no cotidiano popular, que trouxe para a sua arte elementos que se sustentam sem a necessidade de informações adjacentes de períodos ou movimentos históricos. Sua obra se propôs a ser democrática, aproximando-se a beleza da rude lida diária. Na arte de Carybé, é possível que cada brasileiro se reconheça.

CONCLUSÃO

As imagens da pintura de Carybé, representando a cultura baiana, provoca empatia natural em quem conhece e convive com estes elementos. Assim pesquisar a obra do artista e conhecer as diversas expressões de sua arte resultou em aprendizado único.

Desta forma descrever o cotidiano da Bahia por meio da arte de Carybé foi o caminho natural para desenvolvimento desta pesquisa.

Optar por uma expressão, das muitas, que Carybé fazia uso foi algo desafiador, entretanto a pintura possui um grande acervo para contar este cotidiano.

O processo histórico que envolveu o cotidiano baiano foi muito bem retratado pelas obras de Carybé, e em uma análise histórico-cultural foi identificado em imagens selecionadas de sua obra não apenas o forte apelo histórico, mas principalmente o cotidiano natural do povo baiano e os elementos culturais emblemáticos da Bahia (religião, música, lazer, trabalho, gastronomia, raça) embasados teoricamente e descritivamente em suas pinturas.

Depreende-se da pesquisa que há um vasto campo de análise que a arte oferece como fonte de compreensão do cotidiano histórico cultural de um povo, de uma cidade, de um país. A partir das informações constatadas em um conjunto de pinturas, por exemplo, pode-se expandir o campo de pesquisa e descobrimento histórico de um povo, mostrando detalhes do dia a dia que fazem a diferença na compreensão dos ritos e raízes de sua cultura.

Portanto desta pesquisa foi possível ampliar a visão a respeito da disciplina de Arte, pois esta pode abarcar vários aspectos didáticos como a interdisciplinaridade, a pesquisa, a interpretação da obra artística, não apenas como objeto de apreciação, mas como possibilidade de avaliação de um período, uma época, em seus aspectos culturais e históricos. Além de compreender como a história de vida do artista marca sua obra, pois acompanhando a evolução cronológica da obra do artista facilmente identificamos as mudanças ocorridas no período.

O estudo da disciplina de arte passa pela análise dos artistas que constroem a arte. Compreender este fato fará com que os futuros docentes da disciplina busquem muito mais que a técnica e a história da arte, fazendo com que o material de trabalho seja a pesquisa, a análise, o conhecimento verdadeiro da arte pelas mãos de quem faz.

ANEXO

Catálogo Eletrônico de Carybé: http://issuu.com/adelaiyde/docs/caryb_cat_logo/1



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge; Carybé; DAMM, Flavio. Bahia boa terra Bahia. Rio de janeiro: Agência Jornalística Image 176 p.

FURRER, Bruno, Carybé, Salvador: Fundação Odebrecht, 1989. 452p.

LAURA, Ariane, Brasil de muita fé, Disponível na Internet: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=405528>, 15/11/2012.

Museu Afro Brasil. O universo mítico do Hector Julio Paride Bernabó, o baiano Carybé. [São Paulo]: Museu Afro Brasil, [2006]. 315 p.

Museu de Arte Moderna da Bahia. O Museu de Arte Moderna da Bahia. São Paulo: Banco Safra, 2008. 358 p.

Paróquia de São Sebastião dos Frades Capuchinhos, São Sebastião, Disponível na Internet: <http://www.igrejadoscapuchinhos.org.br/historia/historia.html>, 15/11/2012.

PRIORE, Mary Del, Salvador no Século XIX (Parte 2), Disponível na Internet: <http://www.youtube.com/watch?v=qMEX7cndJRA&feature=relmfu>, 15/11/2012.

RISÉRIO, Antônio. Uma história da cidade da Bahia. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004. 619 p.

Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1998. 116 p.